

NOTA EDITORIAL

DE EPICURO A DERRIDA, A INSISTÊNCIA NO PENSAR

Ataraxia, conhecimento, felicidade, vida em comunidade (objeto de atenção por João Emanuel Diogo), psicologia e psiquiatria (segundo Rui Gabriel da Silva Caldeira), lógica – formal, transcendental e especulativa (na reflexão de Michela Bordignon) – e metafísica (graças à intervenção, também didática, nomeadamente pelo trabalho de tradução, de Carlos Arthur Ribeiro do Nascimento), corpo, dor, anonimato, alteridade e relação (que Luís Umbelino aprofunda), e a Universidade, enfim (com a leitura de Fernanda Bernardo), eis os variadíssimos temas – quiçá desgarrados para quem julgasse encontrar um monótono fio condutor no presente fascículo (insistiremos no tópico adiante) – privilegiados neste número da **Revista Filosófica de Coimbra**, com a competência dos seus autores e grau de exigência que sempre nos caracteriza. Isto é dizer, de outra maneira, contribuindo para o pensamento vivo de (citemo-los por ordem cronológica) Epicuro, autor por quem, nós outros, dilacerados contemporâneos por um profundo mal-estar, continuamos concitados; Tomás de Aquino, cuja articulação lógica de um texto clássico é ainda considerado exemplar, paradigmático, quiçá vigente; Wolff, dada a relevância objetiva de uma lógica superadora do formalismo; de novo a lógica, em Kant, mas lida sob o tradicional tópico da viragem de inenarrável produtividade; Hegel, seja sob o prisma do desenvolvimento da forma lógica em forma absoluta, seja sob o ponto de vista de uma filosofia da psicologia, na *Antropologia*; Maurice Merleau-Ponty, cuja fenomenologia do corpo é agora relida enquanto contributo para a resolução do problema da existência das outras mentes, sempre acutilante na fenomenologia; Derrida, e o seu apelo à Universidade para se repensar, permanecendo (lê-se numa bela frase do artigo) “um último lugar de resistência e um foco de luz para as Luzes de outras Humanidades e de um outro mundo de Luzes por vir.” Num ano repleto de efemeridades filosóficas como é este de 2017 – no anterior fascículo fazíamos referência ao quarto centenário do assombroso F. Suárez – seja-nos permitida agora a evocação dos 110º aniversário de Delfim Santos, trazendo à colação uma palavra dele que nos conforta na articulação, que tantas vezes fazemos (e como se vê se repete neste fascículo), de passado

e presente, a da perenidade da filosofia que atinge regressivamente os núcleos explicativos do que mais importa na busca da sua fundamentação teórico-prática (citámos de cor).

Este volume encerra com uma nota de leitura e duas resenhas. A Nota, de Ana Paula Tavares Magalhães, apresenta-nos (e convida-nos à leitura) da oportuna e notável monografia organizada por Rosalie Helena de Souza Pereira; após ter-nos brindado com informados trabalhos sobre o Islão, a autora presenteia-nos agora com uma tempestiva intervenção coletiva no espaço teórico do Judaísmo. Num tempo conturbado de sombrios desumanos em que o apelo ao diálogo das civilizações, da hospitalidade, dos povos e das religiões é palavra repetida com insistência e urgente e exigente imperativo – recordemos as mais recentes e horripilantes irrupções da irracionalidade em Manchester, em Londres, em Mossul, em Teerão... (no fascículo anterior evocou-se Nice, mas gostaríamos de não mais ter de voltar ao impensável de episódios atrozes) –, ao acolher a nota sobre *A Senda da Razão*, a **Revista Filosófica de Coimbra** quer assinalar que nenhum diálogo é possível onde grassa a ignorância. Apesar do seu objeto tão distinto, as duas resenhas publicadas têm uma temática afim. Uma assinada por António Horta Fernandes, ocupa-se do pensamento “revolucionário” de John Locke; a outra, por Alexandre Franco de Sá, versa obra muito recentemente publicada que reflete sobre um dos fenómenos políticos mais acutilantes no nosso tempo, o chamado populismo (deixemos registado o acontecimento que foi o seminário “Política, politicagem” no seio do CECH da Universidade de Coimbra, dirigido, precisamente, por A. de Sá, em maio passado, onde algumas expressões mais contemporâneas do populismo, entre outros temas mais atinentes aos “desafios da política contemporânea” foram passadas pelo crivo da reflexão e do diálogo comprometido). O acolhimento do pensamento mais vivo numa e por uma publicação periódica, qual a **Revista Filosófica de Coimbra**, é uma proclamação de fé na insistência do pensar que compagina a radical fragilidade que habita todo o exercício concreto – biográfico investigativo e, por isso mesmo lacunar – com a expressão expositiva (repetidamente periódica). A insistência do pensar é, aliás, o único meio que conhecemos de se equacionar (sem nunca o resolver) o paradoxo que atravessa a exigência (académica, liberal e utopicamente objetiva) de uma exposição orientado pelo limite do horizonte da Verdade e a singularidade da intuição essencial, do trabalho *in fieri et semper perficiendum*, que se reconhece habitado pela insuficiência das condições de toda a representação. Citando de novo Delfim Santos: “Em filosofia, todo o dogmatismo é máscara de ignorância, e pretender encobrir a ignorância – a ignorância radical, entenda-se, porque a outra é próprio do Homem fazer dela ciência – é ato pouco sério.” Por isso, a **Revista Filosófica de Coimbra**, graças ao seu tão dedicado e fiel mecenas, conjuga com seriedade, e sempre em calendário comprometido, o futuro em esperança. No fim de contas, que melhor lugar, do que uma publicação periódica dedicada à Filosofia, para se dar voz, para se dar eco ao que se negligencia?

Um final esclarecimento, sobretudo a pensar nos leitores que nos dão a honra de um acompanhamento fiel. Pela primeira vez sob a nossa direção, mas este será doravante procedimento a seguir, a *Revista Filosófica de Coimbra* deixa de publicar o habitual “Ficheiro de Revistas”. Tal solução urgia. Hoje, e à semelhança também da *Revista Filosófica de Coimbra*, a maioria das publicações periódicas tem um site acessível ao público, comumente gratuito, através do qual se torna cada vez mais fácil frequentar e acompanhar com algum pormenor os conteúdos e as matérias publicadas (por vezes a ritmos destemperados). Dá-se inclusive o caso de pulularem os endereços e as listas que acolhem e difundem as publicações e os seus índices quase em tempo real. Nesta conformidade, qualquer pesquisa pela *web* dispensa, estamos em crer, as antigas edições do género “Ficheiro de Revistas”, tal como era ainda a nossa. Alguma economia e rapidez podem sair, no fim de contas, beneficiadas, e a *Revista Filosófica de Coimbra* não podia deixar de acompanhar o espírito do tempo, neste particular. Estamos certos que os nossos leitores e assinantes compreenderão e nos acompanharão nesta decisão. A todos o nosso obrigado, e o pedido de compreensão àqueles que eram os mais fidedignos seguidores da secção.

Como é habitual, para a publicação deste último fascículo do vigésimo sexto ano, pudemos contar com a colaboração administrativa da Sra. D. Eugénia Gonçalves, e a intervenção, na elaboração do índices de todo o volume, dos estudantes de licenciatura da FLUC Alexandra J. Furtado, Eduardo L. Lisboa, João I. Costa, Pedro V. Chaves, e Gonçalo R. Santos. A todos eles, o nosso muito obrigado.

outono de 2017
Mário Santiago de Carvalho

